









CONTRA O DESPACHO DE 5 DE DEZEMBRO

**AVANTE! CORTICEIROS!**

Pelo movimento de toda a classe à escala nacional



**D**EPOIS DE DELONGAS E HESITAÇÕES, o governo fascista de Salazar acabou por dar uma resposta às reclamações apresentadas pelos corticeiros. No dia 5 de dezembro, os jornais, destacando um aumento de 30 por cento para 18 mil operários, anunciaram, em grandes parangonas, um despacho salazarista, fixando novas condições de trabalho na indústria corticeira.

**O despacho não satisfaz a classe**

O facto do governo salazarista se ter visto obrigado, pelo grande movimento dos operários corticeiros, a elaborar um novo diploma sobre as condições de trabalho, e a conceder um aumento, representa uma indiscutível vitória da classe corticeira. Mas o novo despacho não satisfaz de forma alguma as aspirações e necessidades dos operários corticeiros. O aumento de 30 por cento de que a imprensa fascista fez tanto alarde não é na realidade um aumento de 30 por cento. Esse aumento incidiu sobre a tabela anterior e não sobre os salários que actualmente estão sendo pagos e que são superiores aos fixados na tabela anterior. E, por esta razão, os aumentos reais são muitíssimo reduzidos, havendo mesmo alguns casos de diminuição de salários. O pessoal das fachtinas e manobras, que ganhava 18 a 20\$50 vê agora os seus salários fixados em 10\$50 visto que a tabela anterior era de 12 a 13\$10. As escolhedoras ganhavam de 10 a 11; o seu salário foi agora fixado em 11\$00. Os quadradores ganhavam em alguns casos 30\$00; o seu salário foi agora fixado em 27\$50. Com raras excepções, os operários corticeiros não passam a receber nada que se pareça com um aumento de 30 por cento.

Por outro lado, não é dada satisfação ao pessoal que trabalha de empreitada e que constitui cerca de metade dos operários da indústria. O despacho não inclui também salários para os operários não corticeiros que trabalham na indústria. Quanto às mulheres e jovens, o aumento é muitíssimo reduzido, continuando em vigor verdadeiros salários de fome. Os jovens são ainda atingidos pela exigência que o despacho faz de 7 anos de prática para os aprendizes. Quanto ao regime dos 3 dias de trabalho não é dada solução alguma.

Verifica-se assim que o aumento de 30 por cento é nitidamente demagógico e que o despacho não dá satisfação às reivindicações dos operários corticeiros.

**MANTÊM-SE DE PÉ****as reivindicações apresentadas  
PELAS COMISSÕES OPERÁRIAS**

O governo salazarista e os seus organismos corporativos não quiseram ouvir as Comissões Operárias e as suas exposições fundamentadas. Em vez de receber pessoalmente as Comissões de Almada, Barreiro, Seixal, Montijo e Sines, o Sub-Secretário mandou-as receber pelos seus ajudantes. O despacho não satisfaz a classe. A situação dos operários corticeiros continua por resolver. As reivindicações apresentadas desde a primeira hora pelas Comissões Operárias, mantêm-se de pé. Os operários corticeiros querem:

- 1 — Um aumento diário de 7500;
- 2 — Unificação e aumento das tabelas dos empregados em 30 por cento;
- 3 — Garantia de 6 dias de trabalho e pagamento a dobrar das horas extraordinárias;
- 4 — Subsídio aos desempregados;
- 5 — Eficiente fiscalização às condições de trabalho.

A luta dos operários corticeiros continuará, enquanto estas reivindicações não forem atendidas no fundamental.

**OS CORTICEIROS****CONTINUAM UNIDOS****na luta contra o despacho**

Com este despacho, o governo salazarista pensava dividir os trabalhadores e quebrar a vontade de luta da classe corticeira. Mas os cálculos saíram-lhe avessos. O despacho just'faveu ainda mais a unidade dos corticeiros que cerraram fileiras para continuar a luta. As Comissões de Delegados Operários ganham cada vez um papel mais preponderante e contam cada vez mais com a continuação das massas.

Logo no dia seguinte à publicação do despacho, na quarta feira, dia 6, os fascistas tiveram ocasião de verificar, numa reunião no Sindicato do Seixal, que os seus projectos tinham falhado.

Al foram enviados, especialmente para verem como a classe recebera o despacho, delegados do govér. o, entre os qual João Naves, chefe de Seixal. Sabendo da ida desses senhores ao Sindicato do Seixal, juntaram-se também ali as Comissões de Delegados Operários do Seixal, Almada, Barreiro e Montijo, num total de mais de 50 delegados. E, junto à sede do sindicato, enchendo as ruas próximas, concentraram-se mais de 1.000 operários e operárias, apoiando as suas Comissões.

Os delegados, numa firme atitude, digna da confiança que neles depositou a classe, falaram sem tibiezas, pondo a claro todas as insuficiências do despacho. Acusaram abertamente de incompetentes as "Comissões Técnicas" e realçaram o facto de não terem sido ouvidos por elas. As Comissões, filando em nome de toda a classe corticeira, manifestaram a firme disposição de todos os trabalhadores em continuarem a luta.

Perante a firme atitude dos valentes Delegados Operários, o representante do governo concordou em que se formasse uma Comissão de Indústria e comprometeu-se a facilitar uma conversação entre essa Comissão e o Sub-Secretário.

O delegado do governo concordou também com os Delegados Operários na imediata formação de Comissões para elaborarem relatórios sobre a situação dos operários corticeiros e as deficiências do despacho. Mas, uma vez que essas Comissões começaram a funcionar nas sé-

des dos Sindicatos, os fascistas — pondo a nu toda a demagogia da sua política de "apaziguamento" — mandaram encerrar as portas dos Sindicatos a fim de que as Comissões ali não pudessem trabalhar.

**A LUTA DEVE ALAISTRAR****À ESCALA NACIONAL**

É tarefa imediata a participação na Comissão de Indústria (já formada), de Delegados de outras regiões e a apresentação ao Sub-Secretário das deficiências do despacho e a necessidade da sua rápida revogação, no sentido de dar satisfação às reivindicações apresentadas pelas Comissões. Esse alargamento da Comissão de Indústria deve ser o ponto de partida para o alastramento do movimento à escala nacional, para que entrem na luta os operários corticeiros de outras regiões do país e nomeadamente do distrito do Aveiro, do Algarve e do Alentejo. Em todo o país se devem formar Comissões de Operários Corticeiros. Mas, por si só, a formação de Comissões não é suficiente. Para que a sua voz seja ouvida é necessário que as massas se apoiem numa forma cada vez mais activa com concentrações e assembleias.

O grande movimento da classe corticeira tem obrigado o fascismo salazarista a importantes recuos e tem constituído uma série de vitórias políticas de primeira grandeza. Mas uma perigosa ideia se está espalhando em alguns sectores da classe: a ideia de que, perante a magnífica unidade e combatividade da classe, o fascismo recuará rapidamente e dará satisfação no fundamental às reivindicações apresentadas. A verdade é que, no momento presente, o fascismo procura ganhar tempo, criar delongas e adiamentos da solução, a ver se causa a tensão das massas, se retira às Comissões o apoio activo das massas, e se assim acaba por vencer a classe corticeira.

A vitória será alcançada. Mas, para isso, é necessário reagir contra a confiança excessiva numa vitória fácil, contra a ideia de que já tudo está feito e conseguido. A vitória está à vista. Mas é preciso ainda batalhar e com crescente vigor. A luta deve estender-se a todo o país. Em toda a parte, as Comissões Operárias devem lutar, apoiadas pelas massas, para que lhes seja permitido trabalharem nas sedes dos sindicatos.

A classe corticeira, não deve cair numa luta de rama-rama, que acabaria por ganhar as massas e fazê-las deserer da sua eficácia. Se o fascismo não der respostas claras e satisfatórias, há que entrar desde já pequenas suspensões de trabalho (meia hora, uma hora ou mais) em toda a indústria ou numa localidade, durante as quais as Comissões vão apresentar as reivindicações, ou se enviam telegramas ao Sub-Secretário, ou se combinem concentrações, etc. Haveria a máxima vantagem que todas estas pequenas paralizações de trabalho tivessem lugar ao mesmo tempo, de forma a melhor mostrar ao fascismo salazarista a unidade, vontade indomável, e organização, das massas trabalhadoras.

Adiante, unidos e firmes, até à vitória! Avante, contra o fascismo salazarista!





# NÃO BASTA DERROTAR HITLER É NECESSÁRIO DESTRUIR O FASCISMO

**S**E EXÉRCITOS ALIADOS entram nos países ocupados pelas hordas hitlerianas para protegerem com as armas a instalação no poder de governos impopulares, não podem duvidar de que a confiança nas nações que praticam essa política sofrerá um rude golpe. Expulsar os alemães para depois voltar as armas contra as forças populares de resistência, é substituir a feroz opressão hitleriana uma opressão dum novo tipo, uma opressão que se procura tapar com palavras sobre democracia e liberdade dos povos. Desarmar as forças nacionais que, em cada país, combateram heróicamente durante a ocupação as hordas hitlerianas, e tentar aniquilar em cada nação os seus melhores defensores, os mais destacados patriotas, e é também separar os povos dos exércitos aliados.

A política seguida pela Inglaterra em relação a alguns países da Europa, é manifestamente contrária às promessas tantas vezes apreguadas pelos dirigentes ingleses e aos objectivos de guerra das Nações Unidas. O governo de Churchill não tem sabido merecer a confiança que nele depositaram os povos da Europa ocupados e massacrados pelos assassinos fascistas alemães. As ordens do governo de Churchill, forças inglesas, em vez de combaterem os nazis, estão fazendo derramar o sangue dos patriotas gregos que, durante anos, nas piores condições, sem armas, famintos, isolados, lutaram pela independência da sua Pátria contra os exércitos hitlerianos. As balas inglesas estão matando os melhores aliados que as Nações Unidas podem encontrar na Grécia. E, ao mesmo tempo, protege a manutenção no poder dum governo impopular, rodeado de colaboracionistas.

democrática, pouco respeitadora da vontade dos povos, o governo inglês em vez de consolidar a aliança com o povo grego (que sinceramente a deseja) está provocando o levantamento da nação grega contra os exércitos ingleses. A Grécia continua sendo um país amante da liberdade e da independência e inimigo declarado da Alemanha hitleriana. Mas o governo inglês está cavando um abismo entre o povo grego e a Inglaterra. Isto, de nenhuma forma pode ser considerado como contribuição para a vitória das Nações Unidas. Melhor índice desse facto não se pode ter do que o verdadeiro entusiasmo que o discurso de Churchill de 8 de dezembro (pondo a claro a intenção de prosseguir na mesma política) encontrou em todos fascistas do mundo e, em especial, nos "neutros" fascistas, como Espanha franquista.

Mas o que se passa na Grécia não é, infelizmente, caso único. Na Bélgica o governo de Pierlot é protegido pelas armas aliadas contra a vontade do seu povo; as forças de resistência são desarmadas, ao mesmo tempo que os colaboracionistas continuam exultando na vida pública. Esta política é manifestamente contrária aos interesses da causa anti-hitleriana. Ela divide importantes forças e distrai exércitos do seu objectivo sagrado: a derrota da Alemanha hitleriana.

Como se justifica então que continuemos defendendo a unidade com a Inglaterra e Estados Unidos? E continuemos considerando a acção dos Exércitos anglo-americanos contra a Alemanha hitleriana como uma acção de que resultará a libertação dos povos da Europa? A questão é esta: Sem a derrota da

Alemanha não há que falar em liberdade e em independência dos povos. O primeiro e sagrado objectivo militar a que se devem subordinar no momento presente todos os outros, é a derrota da Alemanha de Hitler. E a Inglaterra e Estados Unidos continuam unidos a grande e democrática União Soviética (cujo glorioso Exército Vermelho é recebido em toda a parte como libertador) na tarefa comum de derrotar a Alemanha de Hitler. Os povos devem ter serenidade e coragem bastantes para se não deixarem cegar por uma injustiça ou por uma provocação. Tudo deve ser feito para fortalecer a união da coligação anglo-soviético-americana.

Mas fortalecer essa união é lutar pelo cumprimento das promessas de libertação, é fazer tudo para que a política da Inglaterra e Estados Unidos nos países que vão sendo libertados do nazismo, seja uma política verdadeiramente democrática. Transigir e aceitar uma política de usurpação e de intervenção violenta nos negócios internos dos povos libertados, seria contribuir para fortalecer a posição de Hitler. Lutar pela democracia e pelo respeito da vontade dos povos é alargar a grande frente de luta contra a Alemanha hitleriana e ganhar novos e valorosos aliados. Contribuir para o fortalecimento da frente anti-hitleriana, lutando pela aplicação duma política verdadeiramente democrática — esta é a posição justa. Contra a acção anti-democrática na Grécia e na Bélgica. Mas pela unidade cada vez mais forte da coligação anglo-soviético-americana na luta contra o inimigo comum: a Alemanha hitleriana. Tudo fazer para apressar a derrota de Hitler. Tudo fazer para que a derrota de Hitler seja a derrota do fascismo no mundo.

## PREPAREMO-NOS PARA AS ELEIÇÕES NOS SINDICATOS!

Segundo a afirmação do Sub-Secretário das Corporações, vão realizar-se eleições em todos os Sindicatos Nacionais. Os trabalhadores não devem permitir que esta promessa tombe no esquecimento. Em todos os Sindicatos, os trabalhadores devem exigir as eleições no mais curto espaço de tempo.

QUE TODOS CONCORRAM ÀS ELEIÇÕES NOS SINDICATOS!

Que se preparem LISTAS DE UNIDADE NACIONAL, com trabalhadores de todas as tendências políticas; homens e mulheres firmes e honrados, de vossa inteira confiança.

QUE SEJAM ELEITAS DIRECÇÕES DA CONFIANÇA DOS TRABALHADORES!

## Formemos Milhares de G.A.C.!

—(cont. da pág. 1)—> se todas as organizações aderentes se lançarem decididamente ao trabalho, serão desta forma recrutados para o movimento de Unidade Nacional milhares e milhares de portugueses honrados, de patriotas decididos que hoje se encontram separados, dispersos, desorganizados. **Criar-se-ão as bases duma grande organização nacional que poderá vir a ter um papel decisivo a desempenhar na luta nacional libertadora.**

Entretanto, não é a formação de G.A.C. que se limita a organização do movimento de Unidade Nacional. A organização do movimento de Unidade Nacional exige que cada aderente ao Conselho Nacional intensifique cada vez mais a sua actividade de organização. Exige que se atraiam ao Conselho Nacional sectores católicos, monárquicos liberais e comandos militares que

deles estão ainda afastados. Exige que se desenvolva uma actividade crescente para a formação dos **Comités de Unidade Nacional, em todas as cidades e vilas do país**, com a participação dos anti-fascistas mais destacados e prestigiados, incluindo representantes do Partido Comunista. Exige ainda que, em cada unidade militar, em cada barco, etc., se formem Comités de Unidade Nacional.

O Conselho Nacional é já por si uma magnífica realidade na política portuguesa. O Conselho Nacional conta com o que há de melhor no campo anti-fascista e patriótico. O Conselho Nacional possui um Programa que, no fundamental, satisfaz as exigências do movimento nacional libertador. Mas isso não basta para que o

Conselho Nacional consiga levar a cabo a sua tarefa de derrubar o fascismo salazarista e levar ao poder um Governo Provisório que realize o seu programa. Para isso, o Conselho Nacional tem de contar com uma organização poderosa em todo o país. A criação dos Comités de Unidade Nacional e dos G.A.C. serão um passo decisivo para que o Conselho Nacional venha a contar com essa organização.

Avante, pela formação de milhares de G.A.C. em todos os cantos de Portugal!

Avante, pela formação de Comités de Unidade Nacional em todas as cidades e vilas de Portugal! Avante, pelo derrubamento do governo fascista de Salazar!

«A vitória não vem por si só. Ela vem somente pela luta.»

—Stáline.

## Formemos Milhares de G.A.C.!